

Paulo Calado



**BERNARDO PIRES DE LIMA**

O lado B da Europa  
Tinta da China,  
359 páginas, 2018

### Diagnóstico pessimista

Actualmente sócio da FIRMA, uma empresa especializada em negociação de transacções, risco geopolítico, new funding e resolução de conflitos, Bernardo Pires de Lima recordou as viagens feitas em 2017 pelas 28 capitais da Europa para sinalizar os vários factores de desintegração europeia que confluem para pôr em causa as reformas agora propostas pela Alemanha e pela França. O também investigador do IPRI, da Universidade Nova de Lisboa, publicou recentemente o livro “O lado B da Europa” em que traça um diagnóstico das diferentes realidades que se vivem nas várias latitudes europeias e que ajudam a explicar o dilema em que se encontra a União Europeia.

# “Falta cabedal a Macron para aguentar toda a pressão política comunitária”

**O estado da arte na Europa vai limitar o que vai ser decidido neste Conselho Europeu?**

Esta cimeira está ferida na sua natureza porque era para alinhar reformas da ZE e foi atropelada pelo novo debate sobre imigração, que espoleta reformas do sistema de Dublin, do sistema de quotas, de asilo, etc. As agendas não têm de ser estanques, mas não há condições políticas para forjar entendimentos a 28 em matérias de imigração. Vamos continuar a sinalizar mínimos que não vão ao encontro das enormes expectativas que os problemas levantam. Vamos chegar às eleições europeias

de 2019 sem quase nada de grandes reformas ou desígnios. A UE está paralisada.

**O reacender do debate sobre refugiados, não por haver uma nova vaga como a de 2015, mas devido a razões de política interna, coloca em causa a unidade da UE?**

Não há unidade nenhuma, isso é um mito.

**Então como se poderá conciliar a política de abertura de Merkel sobre refugiados, já atenuada como resultado das negociações para a formação do novo**

**governo alemão, com a visão do grupo de Visegrado e do novo executivo italiano?**

É a tarefa ingrata de Merkel. Tem de fazer as cedências necessárias se quer manter-se no cargo. Mas pode concluir que não quer abdicar de um quadro de valores e princípios para ceder constantemente às reivindicações da CSU ou, mesmo no quadro financeiro, a uma ala do SPD que quer ir ao encontro do senhor Macron.

**Se Merkel cair, qual é o significado para a Europa?**

É mais um foco de enorme ansiedade porque, apesar de todos os

erros que a senhora Merkel cometeu, no quadro comunitário não temos grande confiança política em actores alternativos. O senhor Macron não tem cabedal político para aguentar toda a pressão política comunitária. Não provou ainda nada desse ponto de vista. A única política com experiência de gestão de crises, umas mais bem geridas do que outras, é Merkel. Na política é preciso confiança, mas a confiança nos principais políticos da Europa está pela rua da amargura. Estamos num enorme beco sem saída.

**Consegue identificar um padrão**

**que explique esta erosão crescente?**

O padrão é um saco de crises que convergiram no tempo e no espaço. A primeira crise é o excesso acrítico de entusiasmos com o grande alargamento. Depois estalou a crise financeira e aí é que se percebeu o efeito do ajuste decorrente do alargamento a leste. A seguir há as questões partidárias com os partidos a não darem resposta e mirrarem o seu espaço político. Por fim, a vaga migratória. Na última década, temos todas as crises perfeitas para gerar uma grande tempestade. Ainda estamos na ressaca disso tudo. ■

**DAVID SANTIAGO**